

A formação do herói Tamandaré na Marinha do Brasil: uma breve análise teórica

Francisco Eduardo Alves de Almeida

Capitão-de-Mar-e-Guerra, Historiador graduado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Membro e Instrutor do Centro de Estudos de Política e Estratégia da Escola de Guerra Naval e 2^a Vice-Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). Atualmente é aluno de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ, tendo exercido o cargo de Diretor do Serviço de Documentação da Marinha entre 2005 e 2007.

RESUMO

O herói é construído historicamente com um propósito determinado. A própria percepção do herói tem mudado ao longo da História. Desde Homero até o período contemporâneo, o herói vem desempenhando papéis sociais distintos. No século XX, o professor Sidney Hook estabeleceu dois tipos de heróis: o herói homem-momento e o herói homem-época. Na Marinha brasileira, Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré, foi escolhido pelo Ministro da Marinha em 1925, Almirante Alexandrino de Alencar, para ser o Patrono da Marinha e passou a ser assim o principal herói naval brasileiro. O artigo aponta dez características que distinguiram Tamandaré como herói homem-época, tornando-o uma unanimidade no meio naval, assim como os motivos que levaram Alexandrino a escolhê-lo como patrono e herói.

PALAVRAS-CHAVE: HERÓI NAVAL; TAMANDARÉ; PATRONO DA MARINHA.

ABSTRACT

A hero is built historically for a determined purpose. The perception of the hero has changed through History. Since Homer until the present time the hero has been playing different social roles. In the 20th Century professor Sidney Hook established two types of heroes. The hero type man-moment and hero type man-epoch. In the Brazilian Navy Joaquim Marques Lisboa, Marquis of Tamandaré was chosen by the Navy Minister in 1925 Admiral Alexandrino de Alencar to be the Patron of the Navy and so has become the great brazilian naval hero. This article describes the ten characteristics that distinguished Tamandaré as the hero type man-epoch, becoming a legend in the naval circles, and also the reasons that took Alexandrino to choose him to be that hero and patron.

KEY-WORDS: NAVAL HERO; TAMANDARÉ; PATRON OF THE NAVY

Em 4 de setembro de 1925, o então Ministro da Marinha, Almirante Alexandrino Faria de Alencar, instituía, por meio do Aviso 3.322, o Dia do Marinheiro. A referência utilizada pelo Ministro Alexandrino foi a data de nascimento de Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré, como uma justa homenagem a esse herói da Marinha.

Todas as nações do mundo procuram cultivar os seus heróis. A necessidade de qualquer grupo social humano possuir heróis é mais que notória. Não existem povos que não

cultivem os seus heróis. A preservação dos mitos heróicos do passado não somente forja o caráter desses povos, mas principalmente mantém as bases fundamentais para um futuro caráter nacional, constituído por um grupo de indivíduos unidos por uma origem comum, por interesses comuns e principalmente por ideais e aspirações comuns.¹

Como historiadores, sabemos que o estabelecimento de heróis é uma construção histórica, motivada por interesses diversos que vão desde a preservação de valores culturais de determinada Nação até o enaltecimento de exemplos a serem seguidos. O certo é que o herói é construído e como tal ele deve ser analisado.

Por que alguns atos heróicos se perdem nas brumas da História e outros não? Por que alguns são escolhidos e outros não? De que forma os atos heróicos foram percebidos nos diferentes períodos históricos e como eles foram impregnando o imaginário popular? De que forma eles foram conspícuos para o forjar de qualquer nação?

Como forma de responder a essas perguntas, deve-se inicialmente definir o que seria a Nação, conceito estabelecido a partir do século XIX.

A Nação é uma entidade moral no sentido pleno do termo, do qual emanam conceitos importantes e específicos como *nacionalidade*, que compõe-se de um conjunto de traços morais que dão uma fisionomia especial a ela e ao *patriotismo*, amálgama indefinível de sentimentos de simpatia recíproca de amor às mesmas tradições, de aspirações de grandeza futura, de unidade e permanência de uma personalidade coletiva.² O herói provém exatamente dessas duas características notáveis da Nação: nacionalidade e patriotismo.

Essa constatação não significa indicar que só existem heróis a partir do estabelecimento dos Estados nacionais, certamente

que não. O conceito de herói pode retroceder até os tempos homéricos.

Naqueles tempos, a noção de herói estava intimamente ligada ao conceito de *arete*. Em português não existe um equivalente exato para esse termo. A palavra “virtude” talvez seja a que mais se aproxima de seu sentido literal. *Arete* poderia ser compreendida como a expressão do mais alto ideal cavaleiresco, unido a uma conduta cortês e distinta e ao heroísmo guerreiro, conforme conceituação de Werner Jaeger.³

Homero, ao escrever suas obras clássicas *Ilíada* e *Odisséia*, entendia certamente *arete* como qualidades morais e espirituais. Na primeira obra épica, a *Ilíada*, Homero enaltecia o herói como a expressão do valor moral do combatente, sua valentia, sua coragem e seu espírito de sacrifício, imortalizado tanto em Heitor como em Aquiles. Atrevo-me a enaltecer Heitor como símbolo máximo do herói homérico em detrimento do próprio Aquiles, filho dileto de Tétis, uma ninfa do mar, e de Peleu, Rei da Ftia.

Heitor, ao contrário de Aquiles era mortal, filho de Príamo, Rei de Tróia e Hécuba. Homero descreveu Heitor como o mais dotado dos troianos. Nobre, forte, belo, tanto de alma como de corpo, insuperável na arte da guerra⁴. Se algo lhe acontecesse tudo estaria perdido para Tróia, pois personificava o grande herói defensor de sua cidade.

Sua refrega final contra Aquiles, imbatível no campo de batalha, constitui-se na parte mais tocante da *Ilíada*, ao solicitar, antes do combate, a seu oponente invencível a preservação de seu corpo, pois sabia que seria morto pelo aqueu. Como era costume, a preservação do corpo de um guerreiro tombado defendendo sua *arete* era o máximo que ele aspiraria ao se dirigir ao Hades.

Aquiles, enraivecido pela morte de Pátroclo, recusa tal pedido e após um comba-

¹ AZAMBUJA, Darcy. *Introdução à ciência política*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Globo, 1999, p.31.

² *Ibidem*, p.35.

³ JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.25.

⁴ STEPHANIDES, Menelaos. *Ilíada: a Guerra de Tróia*. 2ª ed. São Paulo: Odysseus, 2000, p.49.

to épico abate Heitor, o grande herói troiano, perante Príamo e Hércuba, que a tudo assistem da fortaleza. Não satisfeito, Aquiles amarra o corpo de Heitor a uma biga e executa diversas voltas em torno da cidade, procurando profanar o corpo do herói tombado no campo de batalha.

De nada adianta tal ato descontrolado, pois Afrodite, compungida pela “bela morte” de Heitor, preserva o corpo incólume de seu protegido até ser resgatado por seu pai Príamo, quando termina o poema épico.

Heitor personificou o primeiro grande herói épico ocidental, aquele que morre uma “bela morte”, defendendo a sua *arete*, a sua virtude.

Plutarco, 800 anos depois escrevia as suas 23 biografias comparadas, sempre analisando um grego e um romano. Seu propósito era moralizante, indicando exemplos a serem seguidos. Dentre os biografados, dois se distinguiram como grandes heróis da Antiguidade: Alexandre e César. O que Plutarco desejava era enaltecer a grandeza, a virtude cívica, o heroísmo. E nisso ele foi em parte responsável pela construção do mito do herói desses dois grandes personagens históricos. De acordo com o Professor Mario da Gama Cury, Plutarco “leva a extremos sua rigidez na idealização do herói que não pode ter defeitos e censura severamente Heródotos por que este, em sua *História*, retrata os grandes homens como eles são, com suas falhas e limitações”⁵. É o ápice da “*Historia magistra vitae*” estabelecida por Cícero.

Dando um salto no tempo até o período medieval, a visão do herói se concentra não somente na defesa da virtude, mas sim na defesa da fé cristã.

O herói medieval representava o bem acima de tudo, o valor cavalheiresco, a nobreza, a pureza de coração, a valentia ao enfrentar

os inimigos e, o mais importante, a fé inabalável em Cristo e no cristianismo. Morrer por sua fé defendendo-a dos infiéis era o máximo que um nobre cavaleiro poderia aspirar.

A Igreja, como a principal instituição medieval e responsável pela disseminação da fé e da ética, estimulava o conceito de “guerra justa”, isto é a guerra como um castigo pelo pecado original que deveria ser um instrumento fundamental para que os “justos” controlassem os “ímpios”.⁶ Os heróis seriam os instrumentos divinos para a eliminação da heresia e conversão dos infiéis, defendendo a bandeira de Cristo. A morte na defesa da fé era o ápice do heroísmo.

As diversas canções de gesta enalteciam os heróis tombados no campo de batalha em defesa da fé. Quando Rolando, sobrinho de Carlos Magno, foi morto por seus inimigos em defesa da fé na Espanha, “em toda a França choveu, ventou e trovejou”⁷, uma forma de Deus demonstrar por meio das manifestações climáticas a dor pela morte de seu grande herói medieval tombado no campo de batalha pela crença em Cristo.

No período moderno o enaltecimento do herói tornou-se menos explícito, talvez uma decorrência direta do recrutamento de mercenários para compor os exércitos que lutavam as chamadas “guerras de reis e príncipes”, tão bem discutidas e estudadas por Sir Michael Howard em seu clássico *A guerra na história da Europa*. Isso não impediu, no entanto, o enaltecimento de heróis militares notáveis como Gustavo Adolfo, Rei da Suécia e líder incontestado de seu país na Guerra dos Trinta Anos. Morto em Lutzen em 1632, Gustavo Adolfo personificou o conceito clausewitiano de “centro de gravidade” pessoal, pois a partir de sua morte a Suécia aos poucos se afastou do campo de batalha. Ele continua sendo o grande herói e figura máxima dessa última e sangrenta guerra religiosa na Europa.

⁵ PLUTARCO. *Alexandre e César, as vidas comparadas dos maiores guerreiros da Antiguidade*. Rio de Janeiro: Prestígio, 2001, p.16.

⁶ ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves. A Guerra como fenômeno sociopolítico. In: *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, v. 125, 01/03, jan/mar 2006, p. 207.

⁷ FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 140.

Ao final do século XVIII e início do XIX, Georg Friedrich Hegel, ao ver a figura majestosa de Napoleão, vencedor triunfante sobre os prussianos na Batalha de Austerlitz, teve a certeza de que contemplava “o espírito do mundo a cavalo”. Tinha a certeza ainda maior que se não tivesse sido Napoleão, algum outro teria levado a cabo os ditames da “as-túcia da razão”.⁸

Para Hegel, o grande homem não era o produto de condições sociais ou biológicas, mas essencialmente uma expressão do “espírito” de seu tempo ou da alma de sua cultura.⁹ O grande homem como Napoleão, para Hegel, tinha consciência de que suas palavras e ações eram permeadas pela Razão. Para o pensador alemão cada período histórico tinha o seu “grande homem”, o seu “grande herói”, não mais um defensor da sua *arête* como Homero imaginava, mas um homem dotado de discernimento, razão e liberdade, representante máximo do *Zeitgeist* ou espírito do seu próprio tempo. Disse Hegel sobre os grandes homens:

Assim são todos os grandes homens da História, cujos próprios objetivos particulares envolvem esses grandes fins que são a vontade do espírito do mundo. Eles podem chamar-se heróis, por isso que derivaram seus propósitos e sua vocação, não do curso calmo e regular das coisas, sancionado pela ordem vigente, mas de uma fonte oculta, uma fonte que não atingiu a existência fenomenal, presente daquele espírito interior, ainda oculto sob a superfície, o qual colidindo com a casca do mundo exterior, fá-la em pedaços porque é uma amêndoa diferente daquela que pertence à casca em questão. Eles são homens que parecem haurir em si mesmos o impulso de suas vidas.¹⁰

Para Hegel, o herói pode morrer ou parecer que esteja derrotado, mas a História sempre o justificará.¹¹

Outra perspectiva interessante do culto ao herói é a de nosso muito conhecido Alfred Thayer Mahan, autor de um clássico da História Naval, o *The influence of sea power upon History*, de 1890.

Em 1897, Mahan escreveu talvez uma das mais completas biografias de Lord Horatio Nelson, morto em combate na Batalha de Trafalgar, em 1805. Seu livro foi o *The life of Nelson: the embodiment of sea power of Great Britain*, em dois volumes.

Nesse clássico, Mahan dialoga com outros dois notáveis biógrafos de Nelson: Robert Southey, muito conhecido dos historiadores brasileiros em virtude de sua *História do Brasil*, escrita em 1819, e John Knox Laughton. Southey criticara a postura do herói britânico em relação a seu relacionamento amoroso com Lady Hamilton, uma ligação infeliz para um herói morto no convés de seu navio, ostentando todas as suas condecorações e expondo-se ao perigo e aos atiradores franceses, defendendo o império britânico. Não estaria Nelson, ao se expor tão ostensivamente ao fogo inimigo, procurando se colocar como o grande herói naval sacrificado no altar da Pátria? É uma questão que merece maiores investigações.

Sir John Knox Laughton, por outro lado, procurou defender Nelson de suas acusações, tentando compreender e até justificar certas atitudes do herói inglês.

Embora reconhecesse erros graves na biografia de Nelson, Mahan, em uma atitude equidistante de ambos, procurou apontar Nelson como um grande herói naval que deveria ser um arquétipo e base para uma correta educação naval, um estudo de caso no desenvolvimento profissional de todos os marinheiros, um exemplo típico de liderança naval. O certo é que os três procuraram com suas diferentes versões interpretar o

⁸ HOOK, Sidney. *O herói na História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962, p.56.

⁹ *Ibidem*, p.56.

¹⁰ *Ibidem* p.59.

¹¹ *Ibidem*.

Nelson mito, o Nelson figura heróica e o Nelson figura humana, o exemplo de como os marinheiros britânicos deveriam ser e lutar, com o espírito de sacrifício e liderança do grande herói tombado em combate.

Até esse ponto tem sido atribuída especificamente a palavra *herói* em sentido amplo e vago, dentro de um tempo histórico determinado e em perspectivas distintas, conforme a percepção daqueles que atribuíram significação a esse atributo, o *heroísmo*. Tal visão merece ser abandonada para se atribuir características mais concretas, considerando o tempo presente como fulcro. Para isso se recorrerá a percepção do herói segundo classificação do professor Sidney Hook, historiador da Universidade de Nova Iorque.

Segundo esse autor, o herói na História é um indivíduo a quem podemos atribuir influência preponderante na determinação de um desfecho ou acontecimento cujas conseqüências teriam sido profundamente diferentes se ele não agisse daquela forma¹². Deve haver distinção entre o herói como *homem-momento* e o herói como *homem-época* na História. O *homem-momento* é qualquer homem cujas ações tenham influenciado desenvolvimentos subseqüentes numa direção completamente diferente daquela que teria sido seguida se essas ações não tivessem sido perpetradas. O *homem-época*, por outro lado, é um *homem-momento* cujas ações são as conseqüências de extraordinária capacidade de inteligência, vontade e caráter, em vez de acidentes de posição¹³. Essa distinção, segundo o professor Hook, tenta fazer justiça à crença geral de que um herói é grande não somente em virtude do que faz, mas em virtude do que ele é.

Um exemplo típico de um *homem-momento* foi Joaquim Cordovil Maurity na Passagem de Humaitá, na Guerra do Paraguai. Ele se transformou em exemplo e em herói por tomar uma decisão extrema no momento aprazado, em circunstâncias extremas, com sacri-

fício da própria vida. Forçando a passagem, entrou Maurity para a imortalidade, transformando-se em herói da Marinha brasileira. Este é o exemplo do herói tipo *homem-momento*.

Tanto o *homem-momento* como o *homem-época* aparecem em pontos de inflexão da História. A possibilidade de ação já foi preparada pela direção dos acontecimentos precedentes¹⁴. A diferença está em que o *homem-momento* age no instante adequado por meio de um ato relativamente simples de profunda influência no curso da História. O momento chega e o ato se consuma, sendo este o ato supremo do *homem-momento*.

O *homem-época*, por outro lado, encontra uma bifurcação na estrada da História, no entanto ajuda também a criá-la. Aumenta dessa forma as probabilidades de sucesso para a alternativa que escolhe em virtude das excepcionais qualidades que possui. Ele, assim, possui uma vantagem em relação ao *homem-momento*. Ele não espera o instante, ele transforma e molda aquele ato decisivo em uma ação refletida e estudada, daí a sua superioridade. Assim independe do momento. Ele perdura antes, durante e após o evento histórico.

Exatamente nesse ponto que a figura de Joaquim Marques Lisboa passa a ser discutida como herói. Seria ele um *homem-momento* ou um *homem-época*?

Embora Joaquim Marques Lisboa, o futuro Marquês de Tamandaré, tenha se distinguido na Campanha da Cisplatina e em outras operações relevantes da Marinha em diversas ocasiões, não se pode imputar a ele uma decisão extraordinária em um ou mais momentos decisivos no curso da História. Sua atuação foi contínua, constante, perene. O próprio conceito de *homem-época* pressupõe que deva existir um laço poderoso entre ele e sua classe e no caso de Tamandaré existia exatamente esse laço indissolúvel entre ele e aqui me atrevo a afirmar sua classe social constituída por seus pares na Marinha e a própria Mari-

¹² Ibidem, p.130.

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem, p.132.

na como instituição. Além disso, o *homem-época* geralmente desfruta de prestígio e poder na classe que o apóia, o que confirma exatamente o papel social de Tamandaré dentro do meio naval.

O professor Hook afirmou que “o comportamento da maioria das figuras históricas em relação a sucessos políticos e sociais pode ser explicado em termos dos interesses que falam através deles. Mas há indivíduos que não somente retrucam, mas reagem de modo a modificar radicalmente as relações originais do interesse social”¹⁵. Essa frase de Hook aponta exatamente para os comportamentos ou ações que fizeram com que Joaquim Marques Lisboa fosse laureado por Alexandrino como Patrono da Marinha e herói naval.

Sim, Tamandaré era um *homem-época* com qualidades notáveis em um período histórico, o governo Arthur Bernardes, em que se fazia necessário ressaltar algumas virtudes que estavam se tornando raras na cena política nacional. Não deve ser esquecido que o Tenentismo se espalhava entre as Forças Armadas brasileiras e que era necessário enaltecer exemplos fundamentais para a classe militar como um todo. No ano anterior acontecera o levante do Encouraçado *São Paulo* e Alexandrino necessitava de um exemplo que congregasse a Marinha em torno de um nome com unanimidade entre os componentes da força. Por que Tamandaré foi escolhido e não Barroso? Ou mesmo Inhaúma? Ou Maurity? Em que Tamandaré se diferenciava dos outros personagens importantes da Marinha?

Em primeiro lugar, sua lealdade total ao Império brasileiro. Lealdade que o fez aceitar magoado a República, para ele um ato deplorável. Tamandaré sempre foi monarquista e sempre foi leal a D. Pedro II, por quem mantinha grande amizade e respeito, tendo sido por muito tempo seu ajudante-de-campo. Sua lealdade era tanta que depois de 15 de novem-

bro de 1889 jamais embarcou em lancha que desfraldasse bandeira que não fosse a Imperial.¹⁶ Não mais tomaria parte em qualquer cerimônia pública por mais importante que ela fosse. Ao falecer em 1897, seu caixão foi coberto com a bandeira do seu querido Império.

Alexandrino precisava enaltecer a lealdade ao sistema como fundamental nos círculos navais. Tamandaré assim era esse exemplo.

Em segundo lugar, sua aderência estrita à lei e aos regulamentos. Essa característica estava certamente ligada à sua total lealdade ao Império, do qual se considerava um humilde servidor. Tamandaré, em momento algum de sua extensa carreira, permitiu que as leis e regulamentos navais imperiais fossem ultrajados, sendo a legalidade um de seus atributos mais marcantes. Essa inclinação inata de Joaquim Marques Lisboa com a legalidade foi fator ponderável na escolha de Alexandrino para ser o futuro patrono, uma vez que esse exemplo deveria ser seguido por todos que abraçaram o serviço naval, principalmente naqueles anos conturbados de governo Arthur Bernardes.

Em terceiro lugar, sua longevidade na Marinha. Com 15 anos de idade Tamandaré assentou praça, como voluntário da Armada a bordo da Fragata *Niterói*, comandada por John Taylor, durante a Guerra da Independência. Na Marinha assim permaneceu por cerca de 67 anos, uma vez que em 1889, mais precisamente em setembro, havia solicitado sua reforma ao ajudante-general da Armada e este lhe solicitara que aguardasse um pouco mais a promulgação da nova lei de reforma compulsória, que logo entraria em vigor, dando-lhe assim maiores vantagens. Naquela oportunidade, Tamandaré ainda era ajudante-de-campo do Imperador Pedro II. A longevidade de Tamandaré lhe imputava uma ascendência moral considerável na classe naval, pois vira a Armada nascer e se desenvolver. Participara de todos os principais eventos políticos do período e assim transformou-se em exemplo a ser seguido.

¹⁵ Ibidem, p.142.

¹⁶ LIMA, José Francisco de. *Marquês de Tamandaré: Patrono da Marinha (Seu perfil histórico)*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 1982, p.688.

Em quarto lugar, seu nacionalismo perante qualquer situação extrema. Reconheço o perigo de se utilizar a expressão "nacionalismo", uma vez que esse conceito requer inúmeras interpretações. O século XIX foi o século em que esse conceito foi reafirmado, como sabemos. Utilizo aqui uma conceitualização derivada da anteriormente apresentada, de autoria de André Hauriou, que diz ser a *Nação* um grupo humano no qual os indivíduos se sentem mutuamente unidos, por laços tanto materiais como espirituais, bem como conscientes daquilo que os distingue dos indivíduos componentes de outros grupos nacionais.¹⁷

Essa definição parece ser a que mais se adequa ao caso brasileiro, no qual a Guerra do Paraguai foi o evento histórico norteador do marco inicial da nacionalidade brasileira. Nesse evento, Tamandaré foi um dos principais participantes. Sua disputa com Bartolomeu Mitre no modo como a Esquadra deveria ser utilizada demonstra o seu nacionalismo. Temia ele que, por trás daquele desejo de Mitre de expor a Esquadra ao fogo da artilharia paraguaia postada nas margens, estivesse um desejo de ver enfraquecido o Poder Naval brasileiro, elemento fundamental para a defesa dos interesses nacionais no Prata. O tempo demonstraria o acerto de sua visão estratégica, pelo menos no que tange à preservação da Esquadra. Nunca em tempo algum navios sozinhos venceram combates ocorridos em terra. *Sir* Julian Corbett, grande historiador e teórico naval britânico, estabeleceria 50 anos depois que a Marinha deveria apoiar a ação em terra e a vitória seria obtida sempre por uma ação em terra.

Em quinto lugar, sua liderança na Marinha. Quando de sua morte, o seu amigo de muitos anos, o Almirante Ignácio Joaquim da Fonseca, assim se pronunciou:

Aquí, perante a majestade da morte, entretidos corpo e alma, venho depor o derra-

deiro preto de homenagem da Marinha brasileira ao que foi o bravo e distinto voluntário Joaquim Marques Lisboa, por si ou por seus altos feitos marciais e navais e de amor da Pátria, elevado ao posto de primeiro almirante, à dignidade de conselheiro de guerra e à de Marquês de Tamandaré. O luto da Marinha, do Exército e de todas as classes nacionais é o eloqüente testemunho da veneração que merecia o quase centenário Almirante Marquês de Tamandaré. A paz do Senhor sela com a sua cristianíssima alma.¹⁸

Essa demonstração de amizade e de reconhecimento por parte do Almirante Joaquim da Fonseca com os feitos de Tamandaré indicam sua grande liderança na classe. Era ele por todos admirado e reverenciado como um exemplo a ser seguido.

Uma sexta característica era sua experiência marinheira, advinda de diversos comandos no mar, culminando com a chefia das Forças Navais brasileiras no teatro de operações no Paraguai. Um evento importante que demonstrou as qualidades de grande marinheiro de Tamandaré foi o salvamento da Nau portuguesa *Vasco da Gama*, no dia 5 de maio de 1849, em frente à Baía de Guanabara. Naquela oportunidade, Marques Lisboa, manobrando o seu navio, a Fragata *Dom Afonso*, aproximou-se da *Vasco da Gama*, já prestes a naufragar, e com rara habilidade conseguiu transferir o dispositivo de rebocagem a esse navio e posteriormente rebocou-o para o porto do Rio de Janeiro, apesar de forte temporal. Tamandaré era marinheiro admirado por toda a Marinha.

Uma sétima característica era seu cavalheirismo, mesclado com nobre sentimento de honra militar. Seu combate com Espora na Guerra da Cisplatina, em 29 de maio de 1828, quando comandava o *Bela Maria*, demonstrou cabalmente essas qualidades. Após um dia inteiro de combate contra esse herói argentino, comandante do Brigue *Ocho*

¹⁷ MENDONÇA, Nadir Domingues. *Uma questão de interdisciplinaridade: o uso dos conceitos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985, p.148.

¹⁸ LIMA, op.cit., p.707.

Francisco Eduardo Alves de Almeida

de *Febrero* e esgotada a munição deste adversário, aceitou sua rendição, sendo no entanto brindado com uma lembrança de Espora por sua postura digna e respeitosa: o óculo que o Almirante Brown lhe presenteara na Batalha de Quilmes, em uma clara demonstração de admiração e respeito com aquele nobre combatente brasileiro.

Uma oitava característica importante era a simplicidade. Avesso ao luxo e ao conforto, sua casa modesta não correspondia às altas posições que ocupava na Marinha e na Corte. Mesmo a bordo dos navios, fazia questão que seus camarotes primassem pela simplicidade, dormindo em camas desconfortáveis de madeira sem colchão, com traveseiro duro e baixo para conservar sempre o corpo rígido. Acreditava que a posição horizontal, para os tipos sangüíneos como ele, era a que melhor auxiliava a circulação do sangue.

Um nono ponto observado de Tamandaré era seu senso de humor apurado. Muitas vezes gostava de pregar peças em amigos por quem sentia estima. Em uma das vezes o alvo foi exatamente Caxias. Um dos pratos preferidos de Joaquim era o gambá ao molho que ele considerava uma iguária. Ao mesmo tempo, a Caxias repugnava tal animal, que considerava insuportável. Comê-lo, para o velho chefe do Exército, era impensável. Apreciava mesmo era um bom franguinho ao molho. Tamandaré sabia desse gosto de Caxias e não perdeu a oportunidade. Em certa ocasião, Caxias fazia uma visita a um primo de Joaquim, João Maria Lisboa, e lá iria almoçar. Imediatamente, acorreu a casa de João levando um gambá. Pediu então a senhora de seu primo que preparasse esse prato com o máximo de esmero e carregado de molho, de modo a afastar o odor característico do animal odiado por Caxias.

Caxias, ao ver Tamandaré para o almoço, ficou muito satisfeito, principalmente por que o aroma da "cutia" trazida por Joaquim era agradável e apetitoso. Era um presente trazido por Tamandaré ao velho comandante-em-chefe das forças brasileiras no Paraguai. Um gambá, travestido em "cutia". Foi então servi-

do o almoço e Caxias comeu, comeu, e comeu, saboreando com gosto a "cutia" trazida por Joaquim. Ao final, querendo elogiar a esposa de João, disse Caxias: "O prato estava excelente, delicioso, acho mesmo que se trata de uma cutia especial, pois tinha até rabinho!"¹⁹ Foi, então, um gargalhar de todos e até do próprio Caxias ao saber da peça que lhe fora pregada por seu grande amigo.

Por fim, uma décima característica importante de Tamandaré, que deveria ser enaltecida por Alexandrino, era a de disciplinador. Em nenhum momento Joaquim Marques permitia que a disciplina e a ordem fossem perturbadas. Seus inúmeros comandos foram sempre governados pela observância estrita ao dever, temperadas pelo seu exemplo de chefe, comandante e líder. Dessa forma, nunca teve qualquer dissabor com insubordinações em seus navios, ao contrário, sempre foi respeitado e querido por seus oficiais e marinheiros.

Essas qualidades de Tamandaré eram por demais conhecidas por Alexandrino, que tinha como uma de suas características a centralização de decisões, das mais simples às mais complexas em seu gabinete. Tudo por ele passava. Certamente a decisão de escolher Tamandaré como Patrono da Marinha foi dele e só dele. Sabia que nessa escolha deveria existir uma unanimidade por parte da Força. Se a escolha fosse diferente dessa unanimidade, certamente os ânimos, que já se encontravam exacerbados pela situação política do País, se inflamariam mais ainda. Alexandrino não teria direito de errar e certamente não errou. A Marinha, como instituição constituída de homens com memória recebeu o seu patrono escolhido, Tamandaré, com alegria, reconhecendo-o por suas qualidades como o exemplo a ser seguido. Bela escolha de Alexandrino. Embora não tenha alterado os ânimos inflamados contra Arthur Bernardes, provocou certamente uma unanimidade de opiniões no seio da Marinha. Tamandaré era um aglutinador de qualidades para a Armada.

¹⁹ibidem, p.655.

Navigator 6 A formação do herói Tamandaré na Marinha do Brasil: uma breve análise teórica

Passados mais de 80 anos desde o estabelecimento de Tamandaré como patrono e herói da Marinha, homenageamos o nascimento desse personagem importante na História do Brasil e da Armada.

Joaquim Marques Lisboa é, conforme conceituação teórica do Professor Sidney Hook, um *homem-época*. Não existem fatos espetaculares e decisivos por ele realizados que tenham modificado o curso da História, no entanto ele esteve presente em todos os principais eventos ocorridos com a Armada Nacional desde o seu nascedouro. Ele foi o exemplo a ser seguido por todos que tiveram a chance de conhecê-lo. Por suas qualidades pessoais, foi elevado a herói da Marinha.

Não há nações que não cultivem seus heróis e personalidades. Todos, todos os países

são assim. Cultivam os seus importantes personagens. Nas Forças Armadas esse enaltecimento necessita ser mais vigoroso. A profissão militar envolve o combate, a refrega, o sofrimento, a abnegação e o patriotismo. Os exemplos dos heróis do passado devem ser lembrados. A partir desses atos heróicos os combatentes compreenderão que os seus sacrifícios fazem parte de um legado vindo do passado.

Alexandrino bem percebeu isso em 1925. Tamandaré foi o seu escolhido e não poderia ser outro. Ele era unanimidade. Era o *homem-época* de sua instituição. O exemplo a ser seguido por todos. Inclusive pelos tenentes amotinados da Marinha em 1924.

Alexandrino acertara na escolha. A unanimidade com Tamandaré persiste até hoje. Ele continua sendo o grande herói da Marinha.